

OS ACAMPAMENTOS DE SEM-TERRA COMO TERRITÓRIOS DE VIDA E ESPERANÇA: ORGANIZAÇÃO, VIVÊNCIAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro¹

Nestor Alexandre Perehouskei²

Resumo: Esta pesquisa apresenta-se com algumas discussões fundamentadas na lógica da organização dos acampamentos de sem-terra, entendida como lugar de resistência, ou seja, a reativação das ações desses trabalhadores rurais. Os discursos sobre a organização social dos acampamentos tem sido preocupação de vários segmentos, disciplinas e órgãos governamentais ou não. Foram visitados os acampamentos Fortaleza no município de Guiratinga e Renascer no município de Pedra Preta, ambos localizados na mesorregião sudeste do estado de Mato Grosso, onde foi aplicado um questionário que buscou identificar o perfil dos acampados, bem como compreender a lógica de organização de acampamentos dos trabalhadores sem-terra, assim como, entender as dinâmicas que envolvem este universo a partir de relatos de experiências de seus moradores. Nesta perspectiva o acampamento configura-se como um território provisório, ou seja, um território de vida e esperança, que busca na concretização do assentamento, a transformação social.

Palavras-chave: Acampamento; Movimento Social; Reforma agrária; Território; Luta pela terra.

THE LANDLESS CAMPS AS LIFE EXPECTANCY AND TERRITORIES: ORGANIZATION, EXPERIENCES, CHALLENGES AND PROSPECTS

Abstract: This research presents with some discussions based on the logic of the organization of the camps of landless, understood as a place of resistance, that is, the reactivation of the actions of these rural workers. The discourse on the social organization of the camps have been a concern of several segments, disciplines and government agencies or not. The Fortaleza camps were visited in the municipality of Guiratinga and Renascer in Pedra Preta district, both located in the southeastern region of the state of Mato Grosso, where a questionnaire aimed at identifying the camped profile and understand the camps organizational logic was applied landless workers, as well as understand the dynamics involving this universe from its

¹ Mestre em Geografia pela UFMT, campus de Rondonópolis. E-mail: shirleimiyashiro@gmail.com.

² Professor associado ao Departamento de Geografia e Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia e Pós-Doutorando em Geografia pela UFMT, campus de Rondonópolis. E-mail: nestorap@pop.com.br.

residents experience reports. In this perspective the camp appears as a temporary territory, so a territory of life and hope, which seeks the achievement of the settlement, the social transformation.

Keywords: Camping; Social movement; Land reform; Territory; struggle for land.

Introdução

As principais discussões do presente trabalho são fundamentadas na lógica da organização dos acampamentos³ de sem-terra, entendida como lugar de resistência, ou seja, a reativação das ações desses trabalhadores rurais. Os discursos sobre a organização social dos acampamentos tem sido preocupação de vários segmentos, disciplinas e órgãos governamentais ou não. Dentre os acampamentos visitados estão o *Fortaleza* no município de Guiratinga e o *Renascer* no município de Pedra Preta, ambos localizados no estado do Mato Grosso, onde se observa que, os trabalhadores não são somente os que ali vivem, visto que muitos estão dentro e fora do acampamento, configurando-se, dessa forma, em novo arranjo de acampamento de sem-terra.

O acampamento representa o início da luta deste grupo social para conquistar os seus “pedaços de terra”, ou seja, são espaços e tempos de transição na luta pela terra⁴. São, por conseguinte, realidades em transformação, tanto para as famílias de sem-terra que estão do lado de fora, quanto para as famílias que estão no acampamento e, praticamente não contam com apoio governamental, vivendo umas dependendo das outras, sendo esta solidariedade⁵, manifestada por entidades, organizações e várias pessoas que assumem o papel de lideranças, viabilizando condições para o

³O acampamento constitui o lugar de organização e aglutinação de um grupo "sem terra". Ocorre em áreas menos litigiosas, "negociáveis" (beira de estradas, fazendas cedidas pelo INCRA, áreas vizinhas a assentamentos, etc). A ocupação por sua vez, corresponde ao movimento de enfrentamento com o proprietário da terra. Ocupada a terra, o proprietário reivindica seu direito à propriedade através do instrumento jurídico da reintegração de posse. Esta, se concedida pelo juiz, pode implicar mobilização da força pública para o despejo dos ocupantes.

⁴FERNANDES, B. M. *Territórios da questão agrária: campesinato, reforma agrária e agronegócio*. Reforma Agrária, v. 34, n. 2, 2007

⁵ VENDRAMINI, C. R. *Educação em movimento na luta pela terra*. Florianópolis: Verus-Record, 2002.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

acampamento sobreviver, material e psicologicamente. Na perspectiva de unidade entre os acampados,

[...] o acampamento produz formas de experiências de si onde os acampados tornam-se sujeitos de um modo particular. Essas formas de experiência configuram a formação da subjetividade socioespacial (ou territorial), na qual o sentimento de pertencimento a um lugar não é fixo (mas que se encontra no discurso do movimento), mas criado e recriado por seus acampados onde estiverem reunidos [...]⁶.

A importância da terra está relacionada ao valor, necessidade e segurança. A organização de uma ocupação decorre da necessidade familiar e acontece pela consciência construída na realidade em que se vive, ou seja, é uma construção histórica. Por isso, um aprendizado no processo histórico de construção das experiências de resistência,

[...] a terra pode significar riqueza ou pobreza, vida ou morte, poder político e posição social ou marginalização. Para cada pessoa ou grupo social ela tem um valor. [...] A terra exerce (sempre exerceu) atração sobre o homem: ela não é apenas sinônimo de riqueza e de poder, mas também a posse da terra, [...] investida de ideias de segurança na vida e até mesmo na morte⁷.

Nesta ótica, a experiência tem a sua lógica construída na *práxis*, pois, “são diferentes os significados de cada experiência: a preparação para a ocupação, por exemplo, é um momento difícil para toda a família, sobretudo para os adultos, pois lhes cabe a decisão sobre quando, como e se realmente desejam participar da ocupação³”, ou seja, essa lógica tem como componentes constitutivos a indignação e a revolta, a necessidade e o interesse, a consciência e a identidade, a experiência e a resistência, o

⁶ HEIDRICH, A. L. et al. “A itinerância e o acampamento, condição e situação para o ensino de Geografia no MST”. REGO, N., SUERTEGARAY, D; HEIDRICH, A. L. (Org.) *Geografia e educação: geração de ambiências*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

⁷ GANCHO, C. V.; LOPES, H. Q. F.; TOLEDO, V. V. *A Posse da terra*. São Paulo: Ática, 1991.

movimento e a superação, a concepção de “terra de trabalho” contra a concepção de “terra de negócio e de exploração”⁸.

O termo “terra de trabalho” expressa que o pequeno proprietário usa somente a mão de obra familiar para o trabalho na terra, onde “os seus ganhos são do seu trabalho e o trabalho de sua família, e não ganhos de capitais, exatamente porque estes ganhos não provem de um capitalista sobre um trabalhador expropriado dos seus instrumentos de trabalho”. Sobre o termo “terra de negócio”, [...] “quando o capitalista se apropria da terra ele o faz com o intuito do lucro, direto ou indireto. Ou a terra serve para explorar o trabalho de quem não tem a terra; ou a terra serve para ser vendida por alto preço a quem dela precisa para trabalhar e não a tem”⁹.

Por isso, nem sempre a apropriação da terra pelo capital se deve à vontade do capitalista de se dedicar à agricultura. Diferentemente, o espaço escolhido para ser o acampamento, não é o espaço tratado a partir da Geografia dos solos, e sim, da sociedade: um espaço que permite sua transformação a serviço da comunidade. Neste contexto, “a história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade sem espaço. O espaço, ele mesmo é social”¹⁰.¹¹ complementa que “basta percorrer o interior do país para se deparar com os enormes contingentes de deserdados do campo, que ainda dependem da terra para sua sobrevivência”. Com base nesta ideia é fundamental o acompanhamento e o estudo sobre a realidade das famílias acampadas, na perspectiva de uma ordem social justa e igualitária.

A família vista no acampamento nem sempre é composta de todos os membros: pai, mãe e filhos, ou seja, a família tradicional. Nesses espaços de luta alguns membros vivem sozinhos, como homens e mulheres ou idosos, sem companheiros, sendo observada também uma parcela de mulheres que vivem apenas com os filhos, bem como avós que criam seus netos e, dessa forma, constituem novos modelos familiares. Neste sentido, a estrutura

⁸Ver também: SCHWARZ, R. G. *Terra do Trabalho, Terra de Negócios*. São Paulo: LTr, 2014.

⁹MARTINS, J. S. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1981.

¹⁰SANTOS, M. *Sociedade e espaço*. São Paulo: AGB, 1977.

¹¹STÉDILE, J. P. *A Questão Agrária no Brasil*. São Paulo: Atual, 1997.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

familiar¹² está ligada a afetos e sentimentos, de diferentes tipos e se define conforme normas, práticas e valores que têm seu lugar, tempo e história, dentro de cada unidade familiar, por isso, o acampamento de sem-terra se configura em um espaço onde todos os componentes fazem parte de uma grande família, separada e unida ao mesmo tempo, na busca de um ideal único.

Definidos os contornos do “espaço de luta e de resistência” representado pelo acampamento, falta somente a decisão de quando ocupar. É com a ocupação que os trabalhadores sem-terra vêm a público e dimensionam o espaço de socialização e sociabilidade política, intervindo na realidade, acampando nas margens das rodovias, organizando a ocupação, construindo, enfim, o seu espaço de luta e resistência.

Como a ação de participar de uma ocupação não é uma decisão tão simples, afinal, mais do que experiência, significa transformar a própria vida, para algumas famílias, existe a indecisão e o medo. Estas inseguranças são geralmente postuladas pelos parentes que acabam questionando se realmente vai dar certo ou não, por isso, segue-se o medo de ir para o acampamento sem saber o que se encontrará, ou mesmo, se será bem acolhido pelos outros componentes do grupo, ou seja, haverá divergências? Encontrarão confrontos por parte da justiça, despejos, expulsões? Como a vida se direcionará a partir desta busca?

Estes são alguns dos principais pontos a serem analisados sobre os trabalhadores rurais sem-terra que aderiram pela vivência no acampamento e, para superar temores, é necessária confiança nas pessoas que compõem e coordenam o Movimento dos Trabalhadores Acampados e Assentados (MTA). Neste universo de estudo, os acampamentos existentes são coordenados por lideranças filiadas a este movimento, configurando-se

¹² BIROLI, F. *Autonomia e Desigualdades de Gênero: contribuições do feminismo para a crítica democrática*, Anuário Antropológico [Online]. Disponível em: <<http://aa.revues.org/717>>. Acesso: 15 nov. 2014.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

dessa forma, os seguintes acampamentos: Acampamentos Fortaleza e Renascer, ambos do Movimento dos Trabalhadores Acampados e Assentados (MTA).

A liderança do acampamento tem responsabilidade ao defender a ocupação, bem como de apresentar ideias e referências que permitam a superação das dúvidas, desenvolvendo argumentos nas reuniões, para o dimensionamento do espaço de socialização e sociabilidade política. Todavia, muitos ficam atentos e só seguirão para o acampamento, depois de efetivada a ocupação.

O medo e a insegurança sentidos ao aderirem a um movimento social requer coragem das famílias e, acima de tudo, esperança em conseguir um futuro melhor, que deverá ser incessante, até a plenitude de sua realização, que se concretizará na aquisição de um lote de assentamento estruturado, proporcionando neste núcleo, renda e crescimento econômico. Enfatizando os assentamentos, definem-se como espaços diferenciados de relação com o Estado¹³ e, essa é a distinção que faz existir o assentamento e, por consequência, os assentados. Neste sentido, com a seguinte visão do assentamento rural, estes,

[...] podem ser definidos como a criação de novas unidades agrícolas, por meio de políticas governamentais visando o reordenamento do uso da terra, em benefício de trabalhadores rurais sem-terra ou com pouca terra. Como o seu significado remete à fixação do trabalhador na agricultura, envolve também a disponibilidade de condições adequadas para o uso da terra e o incentivo a organização social e a vida comunitária¹⁴.

Desta forma, conhecer a construção social desses acampamentos, como a organização de suas comunidades, anseios, indignações, arranjos e possíveis dinâmicas, justificam a importância deste estudo, que buscará

¹³ DUQUÊ, G.; CANIELLO, M. *Agrovilas ou casa no lote: A questão da moradia nos assentamentos da reforma agrária no Cariri paraibano*. In: Revista econômica do Nordeste, Fortaleza v. 37, n. 4, 2006. Disponível em: <www.bnb.gov.br/projwebren/Exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=383>. Acesso em: 20 jan. 2014.

¹⁴ BERGAMASCO, S. M. P.; NORDER, L. A. C. *A alternativa dos assentamentos rurais: organização social, trabalho e política*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perehouskei

verificar a realidade atual do grupo, tradicionalmente excluído, e que tem a contribuir com seus conhecimentos e experiências de vida para a sociedade.

O objetivo desta contribuição é compreender a lógica de organização de acampamentos dos trabalhadores sem-terra, bem como entender as dinâmicas que envolvem este universo a partir de relatos de experiências de seus moradores.

Materiais e métodos

Primeiramente foi realizada uma revisão de literatura sobre a temática que envolve o universo dos acampamentos que representa um pressuposto teórico sobre a luta dos sem-terra nas diversas pesquisas e estudos realizados no Brasil, selecionando-se livros, periódicos, jornais e materiais diversos disponíveis na *internet*, adequados ao presente estudo, ou seja, que discutiram a temática proposta.

Esta pesquisa foi desenvolvida em dois acampamentos do MTA, sendo o acampamento Fortaleza localizado às margens da rodovia BR-364 no município de Pedra Preta e o acampamento Renascer na MT-270, no município de Guiratinga, ambos localizados na Mesorregião Sudeste do estado do Mato Grosso. Foram realizadas entrevistas com moradores e participantes do movimento que residem com suas famílias em um sistema comunitário, compartilhando suas necessidades, dificuldades e anseios de um futuro melhor.

A escolha desses dois acampamentos se efetivou, primeiramente, por ambos se localizarem próximos à cidade de Rondonópolis, e, posteriormente, por pertencerem ao MTA.

A investigação foi pautada numa abordagem quanti-qualitativa, a partir da realização de trabalhos de campo, com visitas *in loco* aos locais dos acampamentos, nos dias 12 e 13 de julho de 2014; 06 e 07 de setembro de

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

2014; 11 de outubro de 2014 e 22 de novembro de 2014, num total de 6 visitas.

Nesse período foram aplicados questionários, cujas questões buscaram identificar o perfil socioeconômico dos envolvidos, bem como aspectos específicos que revelaram a dinâmica do cotidiano dos acampamentos. Todavia, parte de seus moradores não se encontravam nos respectivos espaços, pois algumas das visitas realizadas ocorreram em dias de feriado e, em dias de reuniões organizadas pelas lideranças do acampamento na cidade.

De acordo com os relatórios do MTA, existem 217 cadastrados no acampamento Fortaleza e 78 no acampamento Renascer, no entanto, não se obteve dados concretos do total de famílias que frequentam o acampamento. No total, foram entrevistadas 18 pessoas, sendo 11 no acampamento Fortaleza e 7 no acampamento Renascer.

Para delimitar os espaços de luta dos acampados, foram realizadas visitas aos acampamentos para coleta de pontos (coordenadas geográficas), possibilitando a construção de um banco de dados para a elaboração de mapas de símbolos pontuais. Nestas visitas foram identificados os pontos utilizando o *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global) - aplicativo *GPS Essentials*. Foi realizado mapeamento das áreas de estudo utilizando-se do programa *ArcView*, versão 3.2.

Na elaboração do mapa utilizou-se os dados em formato vetorial adquiridos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁵, obtendo-se mapas dos limites nacionais, regionais, estaduais e municipais.

Nas intervenções junto aos sujeitos pesquisados, foram entrevistados tanto aqueles que permanecem constantemente dentro dos acampamentos, como as pessoas que participam do movimento e frequentam o acampamento somente nos finais de semana ou esporadicamente. Neste ínterim, percebe-se a importância da história oral quando se afirma que [...] “pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional,

¹⁵ BRASIL. IBGE. *Dados para mapeamento dos municípios do estado do Mato Grosso*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. [...] A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos¹⁶”.

Neste sentido, a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo com isso, novas perspectivas à pesquisa proposta, pois o investigador, por vezes, necessita de documentos variados. Dessa forma, o uso da entrevista poderá servir também como componente de consulta, na qual recorre-se a fontes múltiplas de dados e a métodos de recolha diversificados com observações diretas e indiretas¹⁷. Por isso, foram utilizados para esta contribuição, os relatos de experiência de alguns dos entrevistados, que traduziram os resultados das questões abordadas no formato de questionário, configurando-se, dessa forma, numa análise qualitativa.

Os acampamentos: territórios de vida e esperança

A partir das observações *in loco* verificam-se, atualmente, acampamentos de sem-terra com número representativo de pessoas e famílias cadastradas¹⁸ que fazem o barraco no acampamento, mas que somente os frequenta, nos fins de semana, ou mesmo, quando há reuniões das lideranças onde se divulgam comunicados com relação ao acampamento. Essa lógica é aceita por parte das lideranças e acontece no intuito de fortalecimento do grupo, uma vez que a permanência dentro do acampamento é difícil, devido às precárias condições de moradia, trabalho, renda, educação, saúde, locomoção e outras necessidades básicas. O

¹⁶ THOMPSON, P. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

¹⁷ BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

¹⁸ No acampamento é comum cadastrar um número maior de famílias do que realmente existe dentro da área ocupada, porque quanto maior a lista dos cadastrados, maior será a pressão para a implantação do assentamento.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

acampamento, mesmo com todas as suas dificuldades, ainda possui um considerável número de famílias vivendo e sobrevivendo, com esperança no anseio de obter a terra desejada.

Na perspectiva de inserção e formação dos grupos, a forma de organização dos acampamentos e dos grupos de famílias se percebe em dois tipos: movimentos “isolados” e movimentos “territorializados”¹⁹. Esses movimentos, por sua vez, têm como referência a organização social e o espaço geográfico. As ocupações podem ser desenvolvidas por meio dos seguintes tipos de experiências: espontâneas e isoladas, organizadas e isoladas, organizadas e especializadas. As experiências são sempre formas de luta e resistência, porque inauguram um espaço, na luta pela terra, que é o acampamento. A quantidade de famílias envolvidas varia de pequenos a grandes grupos.

De acordo com o referido autor, as ocupações isoladas e espontâneas acontecem, na maior parte, por pequenos grupos, numa ação singular de sobrevivência, quando algumas famílias ocupam a área sem anteceder-se uma forma de organização social. Entram na terra em grupos e, pela própria necessidade, passam a constituir um movimento social. O caráter de espontaneidade está no fato de não haver uma preocupação anterior em se construir uma forma de organização, o que acaba por acontecer, ou não, no processo de ocupação. Essas ocupações podem resultar em um movimento social isolado, como é o caso das famílias que foram assentadas no Assentamento São José Operário, em São José do Planalto, distrito do município de Pedra Preta, Mato Grosso.

As ocupações organizadas e isoladas são realizadas por pequenos movimentos sociais de um ou mais municípios, notadamente, com poucos integrantes, porém, também ocorrem em grupos de maiores proporções. As famílias formam o movimento antes de ocupar a terra. Organizam trabalhos de base, realizando várias reuniões até a consumação de suas

¹⁹ FERNANDES, B. M. *Contribuição ao estudo do campesinato: formação e territorialização dos movimentos dos trabalhadores rurais sem-terra – MST (1979-1999)*. 1999. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

reivindicações. As tendências desses movimentos são: esgotar-se após a conquista da terra ou transformar-se em movimentos territorializados, como é o caso dos assentamentos do Banco da Terra, em todo o estado do Mato Grosso, pois, ao se “territorializarem e romperem com a escala local, se organizam em redes e ampliam suas ações e dimensionam seus espaços²⁰”.

Os dois tipos de ocupação mencionados são frutos da espacialidade e da territorialidade da luta pela terra, pois diferem das ocupações realizadas pelos movimentos socioterritoriais, que executam ocupações organizadas e especializadas, como é o caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e do Movimento dos Trabalhadores Acampados e Assentados (MTA) e outros que, ao longo dos anos, se firmaram na luta pela terra e acumularam conhecimentos resultantes de experiências trazidas de outros lugares. Estes estão contidos em um projeto político amplo e podem fazer parte de uma agenda de lutas.

A experiência da ocupação no processo de territorialização é um aprendizado. É a partir da construção de conhecimentos das realidades dos grupos de famílias e das lutas de referência, que se aprende a fazer as próprias lutas. Dentre os diversos movimentos sociais, no estado do Mato Grosso, delimitou-se como universo desta pesquisa o movimento que está instalado nos municípios de Guiratinga e Pedra Preta, na mesorregião sudeste de Mato Grosso, o MTA, com dois acampamentos, um no município de Pedra Preta e outro no município de Guiratinga²¹ conforme apresenta-se na Figura 1.

²⁰ FERNANDES. B. M. *Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico*, v. 1, parte 1. Presidente Prudente, 2013.

²¹ A existência dos acampamentos de sem-terra e sua localização foram obtidas, através da nossa participação no I Encontro dos Acampamentos de Sem-Terra no Sul de Mato Grosso, realizado juntamente com os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Movimentos Sociais na Luta pela Terra: Movimento dos Trabalhadores Acampados e Assentados (MTA), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e do encontro realizado nos dias 05 e 06 de abril de 2014, em Rondonópolis, Mato Grosso.

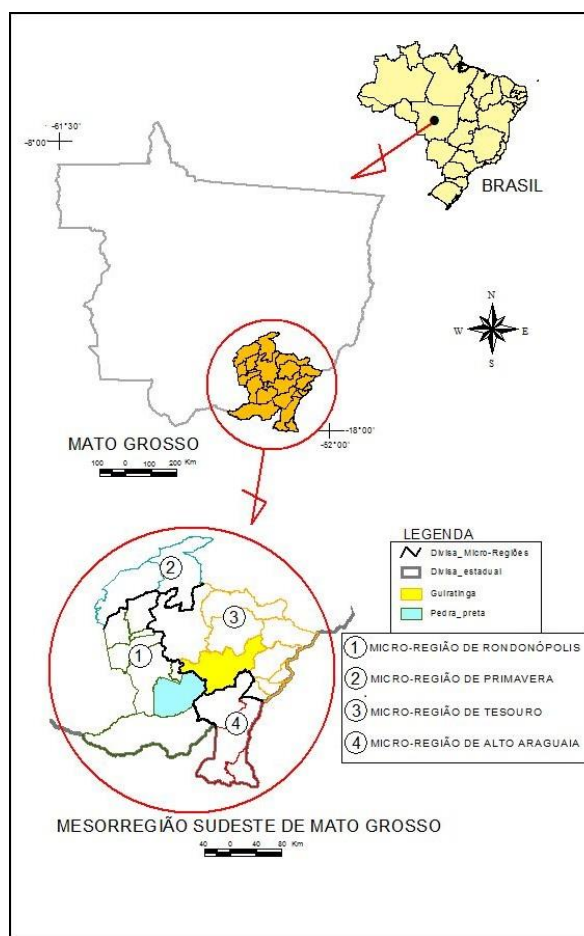


Figura 01: Delimitação da mesorregião sudeste do estado do Mato Grosso

Fonte: Intermat – Base MT (2011) / IBGE (2011)

Org.: MIYASHIRO, S. F. O. (2015).

Comp. gráfica: NOGUEIRA FILHO, R. A. (2015)

No I Encontro dos Acampamentos de Sem-Terras no Sul de Mato Grosso, realizado no ano de 2014, evento organizado pelos próprios acampados, Sindicato Rural e Pastoral da Terra, observou-se nas diversas dinâmicas realizadas com os participantes, realidades bem diferentes das vivenciadas nas cidades, como, por exemplo, a organização das moradias e formas de convivência, questões relacionadas à saúde dentro do acampamento e as políticas que impedem a criação de novos assentamentos. Neste evento, reuniram-se os moradores dos acampamentos, lideranças de movimentos na luta pela terra e representantes dos sindicatos rurais, debatendo sobre a atual situação dos sem-terra e procurando apontar suas dificuldades, buscando apoio para a

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

criação dos assentamentos, e, paralelamente, discutindo sobre o posicionamento da sociedade sobre estes grupos.

A postura de criminalização das ocupações representa a ação de se esquivar de um problema social, político e econômico que elas representam, condenando famílias que lutam pela recriação de sua existência, como trabalhadores e cidadãos e, concomitantemente, aceitando os interesses do agronegócio e o processo de intensificação da concentração da terra, determinando, dessa forma, um descaso social. Diante do exposto, é necessário compreender que a ocupação é uma ação decorrente de necessidades e expectativas, no sonho da conquista da terra. São trabalhadores desafiando o Estado que, sempre representou os interesses da burguesia agrário-capitalista. Se antes a terra era de exploração, agora passa a ser de disputa, pois, “é a terra, a disputa pela terra, que traz para confronto direto camponeses e fazendeiros, (...) o governo, por seu lado, tem uma clara diretriz de desmobilização dos grupos populares que lhe fazem oposição²²”.

Por isso, o Estado só responde sob a pressão dos trabalhadores, apresentando políticas públicas que, pelo menos teoricamente, pretendem atenuar os processos de exploração e da expropriação, “no acampamento, camponeses, peões e bóias-frias, encontram na necessidade e na luta a soldagem política de uma aliança histórica²³”. Mais que isso, a evolução da ação organizada das alianças entre os bóias-frias abre novas perspectivas para os trabalhadores. Neste pensamento, sobre os embates políticos e sociais em relação à luta pela terra, destaca-se que

[...] o enquadramento dos conflitos por diferentes grupos sociais e políticos tem sido um fator de “pré-politização” de tais conflitos. É possível demonstrar que diferentes grupos, políticos e “não-políticos” (ou parapolíticos), como os

²² MARTINS, J. S. *O cativo da terra*. São Paulo: Hucitec, 1986.

²³ OLIVEIRA, A. U. *A agricultura camponesa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

partidos e a igreja, no seu entorno e em suas disputas, na diversidade e até no antagonismo de suas orientações, têm contribuído para manter as lutas populares no campo em um nível relativamente estacionário de impotência política⁷.

A princípio, a origem das lutas pela terra está na espontaneidade, na formação de grupos que se unem por uma busca e realização familiar e não de origem política. Estes embates se dão em decorrência dos interesses de ambos os lados. Assim, estes grupos são independentes e tem autonomia própria. Autonomia e liberdade²⁴ são elementos comuns que aparecem nas falas dos que buscaram um “pedaço de chão” para viver, quase sempre estando relacionadas a fatos que se remetem ao trabalho na cidade ou na terra alheia. Esse tipo de trabalho sempre é visto como algo não realizador e, quase sempre, encarado como um peso, um sofrimento, por parte do trabalhador rural.

Por outro lado, o espaço da terra é visto como o local para a realização de outro modo de vida, que lhes permita, com a posse da terra, autonomia e liberdade. Estas são muito caras a esses homens e mulheres, sendo elementos mobilizadores para a entrada na luta pela terra²².

Porém, após a instalação no acampamento, as famílias procuram, ao mesmo tempo, reorganizar suas vidas, seu trabalho, ou seja, reorganizam seu modo de vida. A vida no acampamento é complexa para quem não tem quem os ajude, como parentes e pessoas próximas de si. É comum nos acampamentos, como primeiras providências de subsistência, a plantação de roças com hortas, feijão, milho, mandioca, criação de porcos e galinhas, atividades domésticas em fazendas vizinhas, venda de pequena produção, trabalhos em cidades próximas ao acampamento e outras²⁵.

Por algum período, os agricultores acampados recebem do Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra) uma “cesta básica”, que chega esporadicamente, mas que pode ser cancelada a qualquer momento.

²⁴ RIBEIRO, M. *Movimento camponês, trabalho e educação*. São Paulo: Expressão Popular: 2013.

²⁵ NEVES, D. P. Agricultura familiar. In: CALDART, R. S. (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perehouskei

Os acampados, quando estão engajados na luta e já tem o mínimo de conhecimento da lida no campo se unem para um bem comum, formando associações para a geração de renda, através da venda de galinhas, porcos, leite, queijos, e outros, para feiras nas cidades próximas. Os saberes e experiências articulados com as práticas tradicionais de preparo dos produtos caseiros, a diversificação de cultivos e criações de pequenos animais fazem com que a produção artesanal coletiva, venha configurar uma associação de mini-produtores que garantirá rendimento para as famílias, conseguindo com isso, aumentar as expectativas de crescimento e, no futuro, a posse definitiva da terra, via mudança de acampamentos para assentamentos, e a posse da documentação necessária para dizer que são os donos da terra²⁶.

Mesmo após a estruturação do assentamento, as associações e cooperativas continuam atuando, com apoio das entidades de classes e de órgãos, tais como a Empresa Matogrossense de Pesquisa Assistência Técnica e Extensão Rural (Empaer) e os Sindicatos Rurais que, muitas vezes, contribuem com treinamento e aperfeiçoamento de técnicas de criação e manejo de tais meios de produção. Isso alavanca o crescimento e diminui de forma sustentável, a diferença socioeconômica, entre as famílias que vivem no campo e na cidade. Neste sentido, “a cooperação deve promover a organicidade de base, mediante a constituição de núcleos de associados, viabilizando e estimulando a participação política das pessoas, a conscientização e a superação das desigualdades sociais e econômicas²⁴”.

Com essas políticas de inserção das famílias de assentados, eleva-se a fabricação de produtos naturais e sustentáveis, visto que uma parcela da sociedade dá grande valor a esses produtos e a esse meio de vida. A esse modelo dá-se o nome de “Agricultura Familiar”, cujos membros da família participam, desde a produção, a comercialização e os benefícios oriundos

²⁶ CHRISTOFFOLI, P. I. Cooperação Agrícola. In: CALDART, R. S. (Org.) *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2013.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

deste processo²³, ser a “forma de organização da produção que se perde no tempo e espaço, e/ou forma moderna de inserção mercantil²⁷”.

Desde tempos remotos a sociedade vive em conflitos por um espaço de terra para prosperar e crescer. Essas lutas, com o passar dos anos, se intensificaram em áreas onde a produtividade de alimentos em geral estava em poder das classes privilegiadas. Essas terras pertencentes aos poderosos eram negociadas em busca de valorização, de troca e de especulação, deixando a produtividade de alimentos e, conseqüentemente, a renda em segundo plano. Assim, “no Brasil, a produção de alimentos para o mercado interno, apesar de ser considerada pelos valores dominantes como o resultado de uma agricultura subalterna, torna-se cada vez mais uma opção estratégica para se alcançar a soberania alimentar do país²⁸”.

Essa posse de terras por “especuladores” e não por produtores, desencadeou uma revolta campesina em diversos países. Baseada nessas revoltas houve a criação de vários movimentos de luta pela posse dessas terras, que se alastraram por todos os cantos do mundo, criando uma força política de tamanho imensurável. E, com isso, também foi criada uma força opositora de grande relevância²⁹.

A luta pela terra, de forma geral, tornou-se também uma luta de classes, onde, de um lado, ficam os proprietários de extensões de terras e, de outro, os trabalhadores rurais, normalmente, pouco qualificados e, em muitos casos, nas mãos de políticos oportunistas. Existe certo consenso na sociedade urbana atual que os movimentos de luta pela posse da terra atuam como “marionetes” nas mãos dos políticos que só “querem se promover”.

Muitos usam a imagem dos sem-terra para dizer que serão ajudados por ele, ou mesmo, que a sua situação será resolvida. As promessas são muitas e, quando finalmente, os sem-terra são assentados, não foi pela ação do político, mas sim, por sua luta e persistência que obtiveram

²⁷Sobre este tema ver também Abramovay, 1992; Bergamasco, 1993; Lamarche, 1993; Francis, 1994 e Wanderley, 1999.

²⁸CARVALHO, H. M.; COSTA, F. A. Agricultura Camponesa. In: CALDART, R. S. (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

²⁹MORISSAWA, M. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

reconhecimento. Esses trabalhadores rurais se mobilizam e se movimentam constantemente sempre em busca de sua causa. Nesta perspectiva, o Estado dirige toda a política agrária para o agronegócio, tornando-se assim, um aliado central na governabilidade e na direção da política econômica³⁰.

A falta de qualificação profissional da maioria dos que lutam em movimentos pela terra, tornou-se um balizador das novas batalhas por sua posse. Os latifundiários, em sua maioria, se defendem, dizendo que não adianta colocar a terra nas mãos daqueles que não sabem lidar com ela⁷.

Normalmente, os que lutam pela terra têm a seu favor a oportunidade, de com a sua posse, provar para a sociedade e para a modernização do capitalismo, o seu real valor e que podem ser úteis na produção de alimentos e renda.

Os sem-terra normalmente estão agrupados em regiões de difícil acesso e sem nenhuma estrutura para uma vida digna. A luta dessas pessoas vai muito além da posse da terra e da formação do assentamento, pois reivindicam que seus filhos e futuras gerações recebam das autoridades constituídas, educação, saúde e infraestrutura, para que ali possam se fixar definitivamente e continuar sua vida³¹.

Nas batalhas pela terra, há casos em que as associações de acampados, se comprometem politicamente na esperança de conseguir aquilo que tanto almejam. Notadamente, as lideranças batalham junto aos órgãos públicos para regularizar, mesmo que momentaneamente, aquele espaço, dando aos acampados a esperança de que algo melhor está por vir.

A luta pela terra é uma luta de toda a família, onde participam também o idoso, a mulher e as crianças, sendo estas atuantes “como sujeitos participantes do movimento social de luta, assim como o universo

³⁰ IASI. M. *É o lobo, é o lobo!* Disponível em: <<http://blogdaboitempo.com.br/category/colunas/mauro-iasi/>>. Acesso em 16 fev. 2015.

³¹ MARTINS, J. S. O sujeito da reforma agrária: estudo comparativo de cinco assentamentos. In: MARTINS, J. S. (Coord.). *Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos*. Editora da UFRGS, 2003.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

produzido, a partir de um conflito social, que atua na construção da experiência infantil⁹”. Percebe-se que outros atores sociais também ocupam um lugar relevante no movimento social. “Nesta perspectiva, temos que enxergar o movimento sem-terra para além do seu caráter de movimento de massas de cunho sindical, popular e político que luta por terra, reforma agrária e mudanças na sociedade²⁷”.

Nesta direção, as crianças vivenciam os “percalços da vida à beira do asfalto”. A perspectiva de ser “patrão de si mesmo” e a luta pela terra, são anseios deixados de herança por seus familiares. Na luta pela reforma agrária, elas representam simbolicamente as aspirações infantis de todos os excluídos deste país. No tempo de espera no acampamento, a luta pela terra, o trabalho e as brincadeiras são atividades com características particulares no cotidiano das crianças e dos jovens.

Ao focalizar as crianças do campo como sendo integrantes sociais,

[...] inscrevem-se, como todas as crianças, em relações sociais complexas, na medida em que participam da simultaneidade dos tempos sociais que constitui o mundo global. Elas são sujeitos que atuam no mundo e são afetados por ele. Assim falar de infância no campo, das crianças concretas que o habitam, é inexoravelmente falar de sujeitos do mundo, integrados a lugares, e sujeitos que a globalização uniu, partilhando de seus dramas e tragédias, realidades e fantasias³².

As crianças sem-terra acabam participando de todas as atividades que os adultos fazem, e, em algumas ocasiões, acompanham os pais quando não se tem com quem deixar os filhos. No cotidiano das atividades da família e até nas assembleias, passeatas e trancamento de rodovias, as crianças são vistas como parte integrante da massa. Muitas dessas crianças, que passam por todo o processo de luta, nem sequer são vistas por quem está do lado de fora do movimento, pois é mais simples olhar para o todo, do que individualizar os sujeitos³⁰.

³² SILVA, A. P. S.; FELIPE, E. S.; RAMOS, M. M. Infância do campo. In: CALDART, R. S. (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

Algumas crianças, além de ficarem adultas precocemente, sofrem com sequelas trazidas pela necessidade do trabalho. Além de ajudar no trabalho familiar, as crianças acampadas conversam e brincam. No acampamento de sem-terra, o lúdico infantil desperta imaginação, sonhos, pureza e simplicidade. São as mais variadas brincadeiras, como cantigas de roda, esconde-esconde, pula-corda, amarelinha, jogo de bola no campinho improvisado; outras utilizam a imaginação e representam apresentadores de televisão, cantores e, muitas vezes, os próprios líderes, vendo-se como uma liderança e acreditando que o representante dos sem-terra é uma pessoa importante e eles querem ser importantes também:

[...] a relação com o brincar é um elemento que permite estabelecer distinções, situar os sujeitos no mundo, e por isso pode se dizer que, em relação às crianças do campo, a brincadeira se realiza, também com que elas produzem, com os recursos disponíveis, processo que liga a brincadeira à criação³⁰.

No acampamento, muitas atividades oferecem oportunidades para que elas possam experimentar o mundo longínquo de seu domínio, que contém regras sociais e comportamentos diferenciados, fazendo com que reflitam sobre sua posição no mundo social e se posicionem como lutadoras por uma vida digna.

Também estudam, acompanham a rotina dos adultos no trabalho sazonal, nas reuniões do movimento social, no planejamento e na execução de situações estratégicas que permitirão a conquista da terra prometida. De forma singular, ensaiam seus futuros papéis e valores na terra, espelham-se nas observações e nos ensinamentos dos experientes.

Concomitantemente, os jovens vivenciam sonhos, dramas, expectativas como os demais moradores do acampamento, “a juventude do campo é constantemente associada ao problema da ‘migração do campo para a cidade’. Contudo ‘ficar’ ou ‘sair’ do meio rural envolve múltiplas

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados³³”.

Os jovens são sujeitos atuantes e participantes da mesma luta, mesmo que invisíveis aos olhos de quem passa pelo acampamento sem qualquer identidade com este universo. Estes jovens não perderam o vínculo familiar, ajudando suas famílias no sustento e permanência e resistindo às diversas dificuldades por eles vividas.

É fato que as cidades estão cheias de jovens desempregados e a busca por um novo emprego representa um desafio. Diversos programas governamentais tentam auxiliar a juventude a se inserir no mercado de trabalho, porém, essa lógica não representa apenas a dificuldade em se colocar no campo profissional, mas, perpassa a educação e a profissionalização do indivíduo²².

A modernização chegou ao campo, mas não beneficiou ainda quem vive na realidade dos acampamentos. As pessoas envolvidas reclamam da burocracia do Incra na demora em regularizar documentação, nas vistorias para a liberação de posse das fazendas ocupadas e, até mesmo, na regularização do assentamento, após serem entregues os lotes, as verbas para moradia e pequenos projetos de renda familiar ficam parados nos bancos. Nos assentamentos criados, no início de seu parcelamento, as famílias recebem pouco “auxílio” para o que se tem a fazer na terra, a fim de viabilizar sua produção.

Sem a reforma agrária é impossível pensar em democracia, pois, dela depende a atuação dos movimentos sociais camponeses, ampliando a participação socioeconômica de trabalhadores rurais em busca da cidadania plena. A formação de acampamento representa um processo complexo para a família, cuja decisão altera toda uma vida e esperança de recomeço. O objetivo comum de conseguir um lote faz de um acampamento de sem-terra um lugar único, ou seja, um território.

³³ CASTRO, E. G. Juventude do campo. In: CALDART, R. S. (Org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

Para se entender a luta pela terra e a sobrevivência dentro de um acampamento de sem-terra, parte-se da ideia de que esta é uma luta pela construção de territórios de esperança onde pretende-se “na vida ter um pedaço de chão para seu próprio sustento³⁴”.

O acampamento constitui-se num espaço em que as famílias trabalhadoras sem-terra se organizam e ocupam, enquanto aguardam ser assentadas, ou seja, é uma importante ferramenta de reivindicação, e é considerada uma forma de luta e resistência, pois “[...] representa formas inéditas de manifestação dos movimentos sociais de luta pela terra³⁵”.

Assim, fica o entendimento de que se trata de um momento de luta e reivindicação dos trabalhadores sem-terra. Então, ao conceituar território aplicado à Geografia Agrária, na perspectiva da luta pela terra, incorpora-se a esperança como fundamental para a transformação social. Nesse sentido, analisa-se às ocupações dos sem-terra, na perspectiva de uma busca por um espaço que, ao se tornar assentamento, possa proporcionar uma vida melhor ao sem-terra que estava acampado.

O espaço compreendido é o socialmente produzido e transformado³⁶, por meio do trabalho humano, ou ainda, como o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço. No entanto, espaço geográfico e agrário não constituem algo dado, pronto ou acabado, mas sim, algo dinâmico, produto da ação dos homens e das relações que se estabelecem entre si, que coabitam, proporcionando daí inserções diferentes no lugar, bem como resultando diferentes ritmos e coexistências nos lugares³⁷.

³⁴ PONTIN, V. S.; BORGES, M. C. *Luta pela/na terra: as novas representações políticas como forma de resistência*. Três Lagoas: EdUFMS, 2012.

³⁵ ALMEIDA, R. A. *Identidade, distinção e territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul*. 2003. 388f. Tese (Pós-graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São Paulo.

³⁶ SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. São Paulo: Hucitec, 1988.

³⁷ SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. nº 93, 15 de julio de 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/nova.htm>> Acesso em 20 jul. 2015.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Na dinâmica do espaço, é necessário entender que o mesmo é anterior ao território, sendo este resultado de uma ação conduzida pelo homem, que se apropria de um determinado espaço concreto ou abstratamente, transformando-o em seu território. O sem-terra no acampamento faz do espaço apropriado o seu território e assim, [...] o território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a "prisão original", o território é a prisão que os homens constroem para si³⁸.

Porém, o conceito de território, se apresenta como um entreposto relevante, sobre as ações sociais e suas inflexões nas relações entre os homens e a posse da terra, devendo ser definido em sua dimensão relacional que faz com que não possa ser tomado por um conceito estanque, mas sob a dimensão de movimento e fluidez.

Relatos de experiência e características dos acampamentos

A instalação do acampamento Fortaleza, ocorreu em razão da criação do assentamento Furnas, ou seja, antigo acampamento Ezequiel Ramim, montado pelo MTA, abrigando as pessoas que não foram beneficiadas pelo lote, constituindo um novo acampamento, denominado de Fortaleza, no ano de 2008. Este contava aproximadamente com 200 cadastrados, no início de sua formação, conforme nos relatou o Sr. Antonio Colleti (2014), um dos primeiros moradores do acampamento:

“tenho 28 anos de luta como sem-terra e, há sete anos neste acampamento, sigo o movimento há muito tempo, antigamente eu era do MST, agora acompanho o MTA”.

Segundo este entrevistado, a sua vinda ao movimento ocorreu pelo fato de sua origem ser de família do campo, que, por um tempo, viveu na cidade, porém, não se adaptando, retornou para o trabalho nas fazendas, e,

³⁸ RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1980.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

atualmente, sobrevive da aposentadoria, que permite sua permanência no acampamento. Ainda de acordo com o Sr. Antonio Coletti (2014):

“o pouquinho que eu ganho, mais o que é produzido aqui dentro, ajuda a viver, e assim fico na espera de um lote”.

E quando lhe foi perguntado sobre os que não permanecem o tempo todo no interior do acampamento, este foi enfático ao responder:

“alguns que vive na cidade esta apto a trabalhar no lote e outros não. Não sou a favor de quem mora na cidade e não no acampamento, pois este não tem interesse em ficar e cuidar do seu barraco e também não vai ficar no lote se for beneficiado, esses a gente chama de ‘pardal’ ”.

Muitas famílias que moram neste acampamento trabalham nas fazendas da Serra da Petrovina³⁹, e outras, nas cidades de Pedra Preta e de Rondonópolis. Devido a sua localização há facilidade de trabalho e estudo para os jovens que ali moram. Para a manutenção das famílias nesses momentos iniciais, além da organização das roças, os trabalhadores reutilizam-se de uma diversidade de estratégias de sobrevivência, desde trabalhos domésticos nas fazendas vizinhas, com a venda de sua pequena produção, até outros trabalhos nas cidades próximas ao acampamento, como Rondonópolis, onde ainda é possível também criar pequenos animais, como aves e suínos, às margens da rodovia, para se comercializar.

Conforme pode-se observar na fala do Sr. José Lima (2014), morador do acampamento Fortaleza:

“a vida no acampamento não é diferente de outros lugares, ‘acampamento é acampamento em qualquer lugar’, as pessoas começam cedo no trabalho, levantam cedo, tratam das galinhas, limpam o terreiro, cuidam do barraco, outros saem cedo para a lida nas fazendas. A vida aqui, minha filha, é difícil, tem que se virar de qualquer jeito, uns ficam aqui e fazem o que pode e outros saem pra trabalho fora”.

³⁹Coordenadas: 16°47'5"S 54°9'55"W.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Neste contexto, observa-se que todos no acampamento possuem um trabalho a ser realizado para a manutenção familiar. Os que não saem para trabalhar em outros locais cuidam do acampamento como se fosse seu próprio sítio, criam porcos, galinhas, e também, plantam feijão, milho, cana-de-açúcar e organizam hortas, onde se cultivam, desde o cheiro verde até a mandioca, do qual eles também fazem a farinha.

A Dona Abadia (2014) contribui com a discussão, dizendo que:

“é uma vida difícil, mas quem não tem ‘preguiça’ pra trabalhar há como se manter nos barracos”.

E, ao falar de sua pequena produção de mudas, ainda complementa:

“aqui eu planto de tudo um pouco, o que a gente não consome a gente dá ou vende”.

Ao discutir sobre a capacidade que existe na ação humana em recriar no cotidiano, práticas de vida que supram suas necessidades e que busquem a concretização de sonhos, “todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo⁴⁰”.

Assim, as famílias que se destinam a uma ocupação da terra, assumem uma nova condição de vida, que possivelmente desencadeará em novas dificuldades cotidianas. Se estabelecer em áreas de ocupação não é tarefa fácil. A montagem dos barracos se inicia logo na chegada das famílias. Antes, no entanto, se faz necessário a limpeza da área e a procura do material necessário à construção dos barracos. A lona é artigo indispensável nas “tralhas” que essas famílias levam ao acampamento; já os galhos, que dão suporte ao barraco, são buscados na área ocupada. A existência de um local de onde se possa tirar essa madeira é um condicionante do lugar aonde essas famílias irão se estabelecer.

Esses fatores são analisados pelos organizadores do acampamento antes mesmo da ocupação. Na chegada cada um começa a marcar seu espaço com as chamadas “tralhas”, sempre procurando manter-se perto de

⁴⁰ DE CERTEAU, M.. *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

vizinhos, amigos ou parentes que vieram juntos. São os homens, geralmente, que vão buscar a madeira, enquanto as mulheres começam a organizar os pertences que levaram e arrumar um lugar para o preparo da comida. Em alguns casos chegam a pernoitar ao relento, enquanto prosseguem no dia seguinte para organizar o novo abrigo.

É comum nos acampamentos que as famílias compartilhem das trocas de experiências e saberes dos cultivos que servirão para o desenvolvimento de seu trabalho e sustento. Mesmo com todas as vicissitudes, as famílias resistem às dificuldades dentro dos acampamentos de sem-terra, bem como vivem de forma passiva, sem conflitos diários.

O tempo de espera até o assentamento é longo e a qualidade de vida torna-se bastante inferior, pois não há uma infraestrutura adequada. Dentre outros apontamentos nas entrevistas, acerca das dificuldades na vivência cotidiana neste acampamento, a maioria descreve como sendo a falta de auxílio por parte do Incra em fornecer cestas básicas, como ajuda de custo, e dentre outras reivindicações, encontra-se ainda, a falta de água, bem como até a própria vida difícil no interior do abrigo de lona.

Cada morador do acampamento constrói seu barraco de acordo com suas condições financeiras, que vão desde um simples barraco de lona coberto por palha, outros com materiais reaproveitados, como é o caso de Dona Josefa, que construiu sua moradia com materiais reutilizados, minimizando desta forma os custos na montagem do seu barraco e, alguns, com melhor benfeitoria no uso de madeira e cobertura de amianto.

Apesar de não haver uma regra rígida de ordenação, quase sempre as famílias constroem seus barracos de lona próximos àquelas das quais são amigas, têm afinidades, apego dos laços de amizade, inclusive na constituição da família afetiva e ajuda mútua, ainda que hajam dificuldades financeiras ou mesmo estruturais, os moradores manifestam serem capazes de contornar esta situação de adversidade, utilizando-se de persistência e criatividade.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

Esta criatividade se torna visível na organização dos espaços interiores dos barracos visitados, como observado durante a pesquisa. Os mobiliários são distribuídos de modo a atender as necessidades cotidianas, como a localização da prateleira, mesa e fogão. A mobília simples e os poucos utensílios são tratados com todo esmero. A alimentação, por exemplo, é uma das preocupações diárias, pois o cozer no fogão também requer engenhosidade, como o fogão à lenha feito de barro, também por eles fabricado, que até forno possui, conforme Dona Josefa relata:

“no meu fogãozinho à lenha faço doces de mamão, banana, abóbora e pão caseiro pra vender”.

A cozinha é a parte da moradia que sobressai, haja vista que um ou outro acampado dispõe de fogão a gás, há moradores que ainda preservam o antigo fogão de aba. No entanto, vê-se que a novidade de alguma forma acompanha a evolução desses fogões, no interior das moradias visitadas.

Outro aspecto a destacar é a limpeza, apesar das moradias serem de chão batido, o cuidado com a higiene é fundamental em todos os barracos. A água utilizada no acampamento provém de uma única cisterna que fornece água potável, construída pelos próprios moradores, atendendo a todos coletivamente. Esta água é fervida ou filtrada para o consumo, além de servir também para molhar as plantações e dar de beber aos animais. Em períodos de chuvas, seu reaproveitamento se faz necessário, pois auxilia o morador a não precisar carregar água da cisterna até seu barraco.

Ainda sobre a higiene pessoal, lavar roupa e tomar banho era uma dificuldade grande, pois para eles o banheiro era a “casinha”, construída com paredes de lona ou papelão, com um buraco fundo. Nesse caso, segundo o relato de um morador,

“não era pior porque cada um de nós fez a nossa casinha. Se todos tivesse de usar uma só, acho que a situação ia ser mais complicada ainda”.

Com base no exposto, a realidade estudada no acampamento Fortaleza é comum em todos os acampamentos do Brasil, cujo tempo de

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

espera, depende de vários fatores, como: da região onde o acampamento se encontra, da negociação do governo e da pressão para que as coisas aconteçam, ou seja, existe um povo que quer trabalhar, mas, para isso, precisa de um pedaço de terra.

Nessa mesma situação encontra-se outro acampamento – o Renascer, também organizado pelo movimento social MTA, onde alguns de seus integrantes participavam anteriormente do acampamento Fortaleza. Porém, parte dessas famílias que lá estavam acampadas migraram para uma fazenda em Guiratinga que estava sob negociação com o Incra.

Como nem todo acampamento de sem-terra consegue se transformar em assentamento de forma pacífica e nem toda fazenda que está em negociação com o Incra se torna um assentamento, o acampamento Renascer passou por um processo de despejo com ordem judicial, pois não houve possibilidade de consenso.

Conforme noticiado pelo jornal *A Gazeta* de Cuiabá, Mato Grosso, de 02 de outubro de 2007, o movimento social MTA fez sérias reivindicações, por meio da interdição da rodovia BR-364, situada entre a Serra da Petrovina e o município de Pedra Preta, no intuito de conseguir maior agilidade nos processos de assentamentos que estavam em andamento, bem como a vistoria de algumas fazendas, sendo uma delas a fazenda Dominata, ocupada pelos sem-terra do acampamento Renascer. “Também aparecem como reivindicações a emissão de posse do assentamento Santa Silva e a vistoria da fazenda Dominata, em (...) Guiratinga. Nesta fazenda, 250 famílias estavam acampadas e foram despejadas. Agora, vivem às margens da MT 270⁴¹”.

Após esse despejo, os acampados instalam-se nas imediações da área desejada para desapropriação e permanecem à beira da rodovia. Esse processo de longa duração que envolve desde a ocupação – despejo –

⁴¹MTA faz interdição de rodovia na serra de Petrovina, Jornal *A Gazeta* Cuiabá-MT. Terça, 02 de outubro de 2007, 03h00.

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

reocupação - novo despejo pode durar anos. Há, portanto, uma mobilidade frequente, haja vista não se tratar de um território fixo, o acampamento é uma fase transitória que pode levar à conquista de seu espaço.

E como a esperança para aquelas famílias ainda continua, elas estão vivendo às margens da rodovia MT-270, próxima à fazenda que ocupavam anteriormente.

Devido à sua localização, às margens de uma rodovia, o acampamento Renascer possui um esquema de segurança para proteger a todos os seus moradores. Havia pessoas do acampamento que revezavam durante e nos finais de semana visando garantir a segurança do local. O motivo dessa segurança era preservar não só a tranquilidade de todos os moradores que passavam o dia na lida do acampamento, como também para aqueles que saíssem temporariamente não correrem o risco de terem seus parques pertences no interior dos barracos furtados por pessoas estranhas ao acampamento.

Além disso, os moradores que recebiam os visitantes, apesar de serem bem vindos, eram sempre questionados na entrada do acampamento, sobretudo pelo motivo da visita. Cabe ressaltar que o fluxo de entrada e saída de pessoas no acampamento, de forma geral, costuma ser intenso, principalmente devido às duras condições de vida dos acampados, com o trabalho árduo e a exposição às intempéries. Neste sentido, muitos acampados do Renascer sentem a necessidade de estar próximos de seus locais de origem.

Um dos problemas do acampamento são os chamados “oportunistas”, ou seja, aqueles que vem passar somente os finais de semana ou só aparecem em dias de reunião. Outro problema enfrentado no acampamento é com relação às lideranças, onde a maioria dos representantes não moram no acampamento, e, quando acontece algum imprevisto, leva-se tempo para ser resolvido.

A esperança é primordial, ou então, não se suportam as condições árduas do dia-a-dia sob uma lona, conforme comenta um morador que

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

prefere não ser identificado e já permanece na vida de acampado há cinco anos:

“A vida que a gente leva é humilhante. Pra tomar banho, tem que carregar água lá do poço, esquentar na chaleira. Pra tomar água, tem que ir buscar. De dia, faz um calor dos infernos. À noite, é um frio desgraçado. E a ventania, então, que leva tudo? Aí, tem que montar o barraco tudo de novo.”

Outro aspecto a ser observado é o sentimento de discriminação que toma conta dos moradores, pois muitos relatam que, não bastasse os problemas e as dificuldades impostos pela vida de acampados, ainda tem que lidar com questões dessa natureza. Muitos não são afetos aos acampados, sobretudo os que vivem nas margens das rodovias que continuam a sofrer reprimendas e são ignorados, até mesmo pelos próprios familiares, que chegam a se incomodar com a expressividade de sua bandeira de luta.

Assim, o olhar discriminatório de quem passa pela rodovia, aponta os sem-terra acusando-os de serem oportunistas e baderneiros, e, até mesmo, de não ter o interesse em trabalhar com a agricultura. Ainda que o desejo de conquistar a terra oculta a real intenção de, posteriormente, vendê-la. Sobre isso seu Adolfo, relata que:

“Para quem tinha um bom trabalho, uma casa, enfim, recursos para uma vida mais digna e tranquila para si e seus filhos, era fácil apontar o dedo para nós e criticar. Eu, um trabalhador honesto, fui chamado de baderneiro e de preguiçoso, mas tive que fingir que não ouvi e continuar na luta”.

Portanto, o companheirismo dos sem-terra, constitui-se em uma forma de relação social, ressoando, até mesmo, em uma estrutura familiar, pois os pares amanhecem lado a lado no acampamento e criam formas de interação, pois necessitam conviver por tempo não determinado. Esse fato é catalizador da amizade do sem-terra, já que é produzido mediante sentimento de dor e de luta, que esta estrutura determina, aumentando a

DOSSIÊ PAIXÕES POLÍTICAS

coragem para dar novo rumo à vida. Neste sentido, a concepção de amizade presente nos sem-terra, vem afirmando, verdades do oprimido que, por sua vez, se constitui nas vivências e na memória de lutas históricas de libertação.

A educação no acampamento é peculiar, pois a forma de se abordar a questão do conhecimento sempre busca despertar o senso crítico no sujeito. A forma de tomada de decisões na escola, conta com a participação da comunidade. Surge assim, a “pedagogia da terra”, por meio da qual procura-se valorizar as lutas dos trabalhadores do campo, as suas formas de expressão culturais e outros.

Também foi ampliada a abrangência da escola, envolvendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). No ano de 2012 nos acampamentos do MTA, foi implantado o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), que contou com a colaboração da Secretaria Estadual de Educação (Semec). Nessa oportunidade, foram instaladas três salas de aulas do Programa Brasil Alfabetizado (PBA) e uma da EJA, demonstrando as dinâmicas nas aulas.

Desde o início, o programa procurou ajustar um currículo que fosse de encontro com a realidade dos alunos. Muitos nem sequer sabiam assinar o próprio nome, hoje já escrevem diversas palavras. E podem ler os comunicados vindos das lideranças.

Nesta modalidade de ensino, o objetivo é proporcionar conteúdos que representem a existência dos sujeitos e que trabalhem com a emoção, possibilitando a aprendizagem, ou seja, aquilo que não tem significado, dificilmente será assimilado.

Considerações finais

Assim, entender a lógica do acampamento contribui no sentido de desmistificar preconceitos ainda fortes da sociedade em relação a essas pessoas, que são trabalhadores vinculados a movimentos sociais, em defesa de seus direitos e de melhores condições de vida. Gente que acredita que a riqueza produzida pelas relações de trabalho possa ser apropriada por

Os acampamentos de sem-terra como territórios de vida e esperança: organização, vivências, desafios e perspectivas

| Shirlei Fernandes de Oliveira Miyashiro

| Nestor Alexandre Perekouskei

quem a produz, entendendo a terra não somente como espaço de produção de mercadorias e exploração, mas sim, como espaço de vida e justiça social.

A inserção na luta pela terra e a formação dos acampamentos permitem a incorporação de novas práticas coletivas antes ausentes do horizonte cultural destes indivíduos, como, por exemplo, a participação em manifestações, assembleias, coordenação de comissão de trabalho, que instrumentalizam os acampados com maior capacidade de organização na luta pelos direitos fundamentais, garantindo a sobrevivência e a cidadania.

Este cenário permite compreender que a vivência do acampamento e as experiências acumuladas foram fundamentais para a consolidação de uma identidade, formada a partir das redes de solidariedade estabelecidas durante as experiências no acampamento, que permitiu ampliar o valor dado à ação coletiva.

Não basta apenas conquistar a terra, é preciso que o novo assentado tenha subsídios para que possa alcançar boas condições de vida, e, assim, vislumbrar a terra como lugar de vida e de trabalho, ou seja, o seu lugar de identidade.

O objetivo de se conseguir um lote é um processo que envolve toda a família e faz do acampamento um lugar único, ou seja, um “Território de Esperança”. Assim, a ideia de posse da terra representa a possibilidade de se ter onde morar, produzir e garantir a subsistência familiar.

Recebido em 05.11.2015

Aprovado em 23.11.2015